

# Por uma economia que privilegie o ser humano



(Foto: Ana Ceron/TV Imagem NET)



José Antônio Faro  
Colaboração: Yngridy Pires

**GLOBALIZAÇÃO** Em entrevista à Revista Pano de Fundo, o estudioso indiano do processo de globalização econômica e cultural, Suranjit Kumar Saha, criticou fortemente o atual sistema neoliberal e defendeu a construção de alternativas econômicas e sociais a partir das experiências dos países do “eixo sul” do mundo.

O professor Dr. Suranjit Kumar Saha é indiano, mas trabalha como professor titular na Swansea University, na Inglaterra. Desde 1998, frequenta o Brasil com o qual mantém laços de admiração e de colaboração científica. Além de ter sido professor visitante da Universidade

do Pará, já visitou diversas universidades e entidades públicas do nosso país ministrando conferências sobre globalização e seu impacto nas sociedades, sobretudo nos países “subalternos” economicamente. Com extensa produção, seus trabalhos incluem sustentabilidade e combate à

pobreza, desenvolvimento local e regional, integração regional e perspectivas de capital social como resposta à exclusão. Além de tudo isso, é um estudioso das relações de colaboração e integração dos países do “eixo sul” do mundo. Nessas linhas, publicou livros com autores latino-americanos,

incluindo o argentino Raul Bernal, e alguns professores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Em parceria com o professor Dr. Marcos Costa Lima, da UFPE, o professor Saha foi fundador do Núcleo de Pesquisas em Desenvolvimento e Região (D&R CNPQ/UFPE), do Departamento de Pós-Graduação em Ciência Política desta instituição acadêmica. A iniciativa está ligada ao Grupo de Estudos Subalternos, Periféricos e Emergentes (GESPE), que tem como objetivo principal realizar uma leitura crítica das teorias e pesquisas produzidas nos países da América Latina, África e Ásia.

No final do ano passado o professor Saha esteve em Caruaru para participar do Simpósio de Relações Internacionais, no qual conferiu palestra sobre “a globalização e seu impacto nas cidades”. Na ocasião, a Revista Pano de Fundo o entrevistou sobre as consequências da globalização na vida dos povos e sobre a necessidade de um novo modelo econômico que leve em consideração e respeite as diversas identidades nacionais. Falando em português, idioma que “quis aprender para poder entender melhor a nossa cultura”, o professor criticou, de forma clara e incisiva, o atual sistema neoliberal e defendeu uma maior integração entre os países do “eixo sul” em vista da construção de alternativas econômicas e sociais a partir das experiências destas áreas do mundo.

A seguir, os principais trechos da entrevista

***Professor, para começar, gostaríamos de saber por que o interesse do Sr. pelo Brasil e pelos seus intelectuais?***

Eu alimento um grande interesse pelo Brasil desde 1989, quando vim aqui pela primeira vez e gostei muito

da cultura deste país. Senti um grande calor humano no comportamento dos brasileiros. Naquele momento, pensei: o Brasil e a Índia são dois países grandes e deveriam interagir mais; devem conhecer um ao outro, a partir de visões próprias. Eu havia observado que os indianos veem o Brasil com os olhos dos europeus e que, da mesma forma, os brasileiros conhecem a Índia através dos olhos dos europeus.

Isso tem a ver com a história colonial do desenvolvimento da sabedoria e do entendimento desses dois países. Isso tem que mudar. Por isso, eu tentei aprender a língua portuguesa. Achei uma língua muito linda, com muita força. Considero que sem saber a língua de um país, você não pode conhecê-lo. Esse foi o meu contato inicial com o Brasil: um contato muito prazeroso. Nesses anos, eu viajei muito para o Norte, para a Amazônia, e para o Nordeste. Passei um ano no Estado do Pará, como professor visitante da Universidade Federal do Pará (UFPA). Com o tempo, a minha atração pelo Brasil só fez aumentar.

***Há muitos anos, o Sr. pesquisa sobre a desigualdade econômica e social no mundo. Na sua opinião, qual a relação entre a perpetuação dessa situação e o modelo econômico neoliberal?***

O neoliberalismo é um modelo devastador. Esse tipo de capitalismo, que começou com Margaret Thatcher na Inglaterra, e com Ronald Reagan nos Estados Unidos, só pode gerar um grau de desigualdade cada vez maior no mundo. Ele não tem nenhuma capacidade de resolver os problemas de emprego, de destruição ambiental, de poluição... Isso porque a lógica que o dirige é o lucro. O ser humano perde

qualquer importância. Por meio desse sistema, quem domina o mundo é um pequeno grupo de grandes empresas, que possuem apenas um interesse: agregar lucro para elas.

Nesse contexto, as novas tecnologias são pensadas para produzir o máximo com o mínimo de mão-de-obra humana, e isso gera cada vez mais desemprego. Além disso, o neoliberalismo é também um modelo devastador para a natureza. Ele usa grande quantidade de matérias-primas naturais sem qualquer preocupação para renovar esses recursos. É um modelo que não tem capacidade de construir o futuro para as novas gerações, para os jovens. Por isso, estou tentando estudar como o mundo pode sair do círculo vicioso que ele produziu e que não tem nenhum futuro. Foi isso que gerou o movimento de protesto contra o sistema neoliberal “Ocupe Wall Street”, que tem como slogan “Nós somos os 99%”, o qual se refere à crescente desigualdade na distribuição de renda nos Estados Unidos entre o 1% mais rico e o resto da população.

Não é bom, não é prático, que todo o mundo siga um modelo que gera benefício só para 1% da população, enquanto os outros 99% vivem orgulhados num grau, cada vez maior, de miséria. Isso não é bom para ninguém.

***Por que, apesar de este modelo continuar gerando dependência e desigualdade, ele continua sendo hegemônico em praticamente todo o mundo? Quais os mecanismos que o legitimam e o consolidam?***

Há vários fatores: um deles é a mídia. A mídia tem a capacidade de mudar nossos pensamentos. Ela faz com que nos acostumemos com um processo que não nos ajuda. →

Esse modelo se apoia também em dimensões da natureza humana que não são nobres. Todos nós temos qualidades boas, mas temos também qualidades que não são tão boas. Nós temos a avareza para consumir mais do que o necessário, temos a tendência a explorar os outros. Essas coisas também fazem parte da natureza humana. Mas a natureza humana também possui generosidade, também tem capacidade de amar, também tem capacidade de fazer amizade com os outros, para cuidar dos interesses dos outros.

**“O neoliberalismo é um modelo devastador. Esse tipo de capitalismo (...) só pode gerar um grau de desigualdade cada vez maior no mundo. Ele não tem nenhuma capacidade de resolver os problemas (...). Isso porque a lógica que o dirige é o lucro”**

O modelo neoliberal não aproveitou essa parte de nossa natureza. Ele gera desejos que não podem ser realizados – basta vermos, por exemplo, os desejos que as novelas podem produzir nas pessoas. Mas existem diferenças entre o que é necessidade e o que é desejo. Existem duas palavras em inglês para distinguir essas duas coisas: *needs* e *wants*, “necessidades” e “quero”. O mundo tem amplos recursos para satisfazer às necessidades de todos, mas ele não tem recursos para satisfazer às ambições de todos. O que está acontecendo com o neoliberalismo? Esse modelo



dá oportunidade para satisfazer todas as ambições de uma pequena faixa da população, mas não dá oportunidade de satisfazer às necessidades da massa.

***Na opinião do Sr., quais as principais contradições do sistema neoliberal que precisariam ser desmascaradas?***

Tudo. O neoliberalismo como o conhecemos hoje começou com os dez princípios, que ficaram conhecidos como os “Consensos de Washington”, que são:

- disciplina fiscal, através da qual o Estado deve limitar seus gastos de acordo com o que arrecada, eliminando o *déficit* público;

- focalização dos gastos públicos em educação, saúde e infraestrutura;
- reforma tributária, com o objetivo de ampliar a base que incide na carga tributária; com maior peso nos impostos indiretos e menor progressividade nos impostos diretos;
- liberalização financeira, com o fim de restrições que impeçam instituições financeiras internacionais de atuar em igualdade com as instituições nacionais e o fim do controle do Estado na economia;
- taxa de câmbio competitiva;
- liberalização do comércio exterior, com redução de alíquotas de importação e estímulos à exportação, visando a impulsionar a globalização da economia;



- eliminação de restrições ao capital externo, permitindo investimento estrangeiro direto;

- privatização, com a venda de empresas estatais;

- desregulamentação, com redução da legislação de controle do processo econômico e das relações trabalhistas;

- propriedade intelectual.

Essa lista representa um modelo de equilíbrio da economia, sem qualquer preocupação com o bem-estar e a qualidade de vida do povo. Ela não contém nenhum item relacionado à saúde e à educação para todos, aos salários justos. De fato, a lista não diz nada sobre qualquer uma das características essenciais de uma so-

cidade civilizada. As únicas pessoas que se beneficiarão com este modelo (1% da população) serão aqueles que fazem lucros. Todos os outros (99%) vão sofrer. Devemos explicar em linguagem simples como cada um desses princípios só vai enriquecer ainda mais os ricos e empobrecer ainda mais os pobres. Os acadêmicos têm o dever profissional de fazer isso.

***Ainda no contexto da configuração de um novo modelo de desenvolvimento, o Sr. defende uma maior integração entre os países do Sul do mundo. Quais os passos que já foram dados nesse sentido?***

O Brics (agrupamento econômico informal composto por cinco países

emergentes - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) é um bom começo. Esse grupo pode desempenhar um papel importante na efetivação de uma pressão credível para uma maior democratização das instituições internacionais, incluindo o Conselho de Segurança das Nações Unidas; para proteger os interesses dos países do Sul do mundo nas negociações internacionais sobre o comércio e o clima e para resistir à hegemonia dos Estados Unidos e da Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) nos assuntos mundiais. Mas isso só pode acontecer se esses países são governados por governos que representam os povos e não apenas as elites.

→

***Em suas conferências, o Sr. fala de forma recorrente da importância de reescrever a história dos nossos povos a partir do ponto de vista dos grupos subalternos e excluídos. O que isso significa e quais poderiam ser as consequências concretas deste processo?***

Isso é importante para países como o Brasil e a Índia, que se caracterizam por um alto grau de diversidade social. Na Índia, a grande maioria da classe dominante é composta de brâmanes ou grupos pertencentes às chamadas castas superiores. São esses grupos que têm definido historicamente a identidade da Índia. A grande maioria da classe dominante brasileira também é formada por aqueles que acreditam em sua ascendência europeia. Quase todos os historiadores brasileiros pertencem a esta classe - eles dão primazia à identidade europeia do Brasil e desvalorizam suas identidades africanas e indígenas. Na Índia e no Brasil, não

mais do que 10% pertencem a esta classe dirigente privilegiada.

É por isso que novas histórias sociais e econômicas da Índia e do Brasil devem ser escritas por historiadores que se identificam com as classes subalternas. A partir dessas novas histórias, vão surgir as novas explicações econômicas e sociais das circunstâncias contemporâneas dos dois países, e outros países semelhantes. Esses escritores terão o impulso moral para explicar aos 99% das pessoas de seus países que sofrem as terríveis consequências do modelo neoliberal porque isso acontece. Os escritores que se identificam com suas ascendências privilegiadas, e estão se beneficiando desse modelo, não são suscetíveis a sentir esse impulso. Como Ben Anderson disse, todas as identidades,

incluindo identidades raciais, são imaginadas, nenhuma delas são fatos. Portanto, o meu argumento aqui é sobre as mentalidades assumidas, não sobre a raça, no sentido estrito, porque, em ambos os países, a miscigenação tem sido o fator dominante no povoamento.

***Nessa perspectiva, qual a contribuição específica do Brasil com a sua história de mestiçagem cultural e social? Sabemos que o Sr. conhece, de modo particular alguns intelectuais brasileiros, como, por exemplo, Gilberto Freyre. Qual foi, na sua opinião, a contribuição dele para a compreensão da identidade brasileira?***

Freyre reconhece as origens mestiças da identidade brasileira, mas a “romanticiza” como um processo

***“Uma mudança cultural é muito importante. A cultura dá a força para a liberdade, a libertação, para seguir o caminho certo, para a consolidação do senso de nação”***



(Foto: Alastair Humphreys)

de evolução harmoniosa. “A maioria dos nossos compatriotas são os descendentes de donos de escravos e também de escravos, e muitos deles surgiram a partir da união de donos de escravos com as escravas”, escreveu. Para ele, este processo de fusão de raças e “união de culturas” no Brasil evoluiu sem ódio racial, ao contrário do que ocorreu nos Estados Unidos, porque “tinha sido suavizado pelo clima quente e pelos efeitos de uma miscigenação que tende a dissolver tais preconceitos”. Interpretando a sociedade brasileira dos anos 1930 e 1940, à luz deste “princípio sintético”, ele julga que ela foi se movendo na direção de uma “democratização ampla” tendendo a “acalmar os antagonismos interclasses e inter-raciais”. Sua caracterização da relação entre os brancos e os negros no Brasil durante o período da escravidão como “um dos sindicatos mais harmoniosos da cultura com a natureza”, parece uma amnésia histórica grotesca, porque a miscigenação que ocorreu durante a escravidão não tinha nada a ver com um processo harmonioso, ela foi forçada e violenta. Aparentemente, Freyre não reconhece isso.

***E sobre as contribuições de Darcy Ribeiro e Celso Furtado, o que o Sr. teria a dizer?***

Darcy Ribeiro foi diferente. Ele reconhece que o Brasil emergiu da miscigenação, mas também reconhece a natureza violenta do processo, não o romantiza. Ele procura criar uma nova história harmoniosa com base num reconhecimento honesto do horror que foi a miscigenação forçada.

Celso Furtado, embora dando primazia às origens portuguesas da

identidade brasileira, também enfatiza a necessidade de reconhecer as contribuições criativas dos povos indígenas e africanos para a construção dessa cultura.

**“Eu vi que entre os intelectuais (...) existe um grande interesse pela Índia e pela China. (...) Isso é um bom começo, mas isso tem que aumentar. Trata-se de um processo novo e positivo que tem de se expandir”**

***Como a integração cultural e econômica entre Brasil e a Índia poderia contribuir mais para essa mudança de sistema econômico-social? O Sr. vê convergências culturais entre esses dois países?***

Uma mudança cultural é muito importante. A cultura dá a força para a liberdade, a libertação, para seguir o caminho certo, para a consolidação do senso de nação. Eu vou dar um exemplo do Brasil mesmo. O Brasil foi construído por três fluxos da população. Um deles é da Europa, outro da África e o terceiro vem de seu próprio território: os indígenas. Depois de cinco séculos da construção da nação, a parte da cultura que domina hoje é a cultura europeia. O Brasil não valoriza tanto a sua identidade africana e sua identidade indígena. Isso tem de mudar. O Brasil

precisa começar a dar valor à sua cultura africana, à sua cultura indígena.

Só assim o mundo e os brasileiros, em particular, vão saber que os problemas que a sociedade brasileira enfrenta são mais parecidos com os problemas enfrentados pelos indianos ou pelos chineses do que pelos europeus. E isso pode ajudar na aproximação e numa maior colaboração entre os países do “eixo sul” do mundo, como está ocorrendo com o Brics, por meio do qual o Brasil está ajudando a construir novas instituições internacionais. Isso tem grande força para modelar um mundo novo.

Nesse sentido, os intelectuais podem ter um papel determinante, assim como os artistas. Há algum tempo, foi feita uma novela no Brasil, que estava ambientada na Índia: “O caminho das Índias”. Não podemos dizer que foi uma produção intelectualmente elevada, mas foi a primeira vez, no mapa mental do Brasil, que a Índia ficou visível. Antes disso, os brasileiros não sabiam quase nada sobre a Índia. Índia para eles era algo relacionado com os encantadores de serpentes, era uma visão folclórica. Mas a Índia é uma sociedade viva, com um povo que tem capacidade de amar, de construir relacionamentos.

Eu vi que entre os intelectuais – eu vi isso, sobretudo, em Recife e no Rio – existe um grande interesse pela Índia e pela China. E também lá na Índia está crescendo o interesse pelo Brasil. Isso é um bom começo, mas isso tem que aumentar. Trata-se de um processo novo e positivo que tem de se expandir. ■